

## O NÃO ROMANO NA *FARSÁLIA* DE LUCANO: ENTRE A AMEAÇA E O EXEMPLO<sup>1</sup>

### *THE NON-ROMAN IN LUCAN'S PHARSALIA: BETWEEN MENACE AND EXAMPLE*

Acácio Luan Stocco<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas das caracterizações de povos não romanos presentes no poema épico de Lucano e mostrar como algumas dessas descrições revelam a ameaça ou o exemplo que esses povos representam para Roma. Também será estabelecida uma relação entre romanos e estrangeiros. O *Bellum Ciuile* de Lucano trata da Guerra Civil entre Júlio César e Pompeu em 49 e 48 a.C. No entanto, muitos povos participam dessa guerra 'civil', o que torna o poema rico em descrições culturais de outros grupos étnicos. Essas culturas são de grande importância para o entendimento e interpretação da obra. Concluiu-se, com este trabalho, que o narrador percebe a complexidade e as qualidades dos povos 'bárbaros' e também que os romanos podem ser mais ameaçadores para si próprios do que os estrangeiros.

Palavras-chave: Poesia Épica; Lucano; Guerra Civil.

**ABSTRACT:** The objective of this paper is to present some of the characterizations of non-Roman peoples presented in Lucan's epic poem and to show how some of these descriptions reveal the menace or the example that these peoples represent to Rome. A relation between Romans and foreigners will be established as well. Lucan's *Bellum Ciuile* is about the Civil War between Julius Caesar and Pompey in 49 and 48 B.C. However, lots of peoples participate in this 'civil' war, which makes the poem rich in cultural descriptions of other ethnic groups. These cultures are of great importance for the comprehension and interpretation of the poem. It was concluded, with this paper, that the narrator perceives the complexity and the qualities of 'barbarian' peoples as well as that the romans can be more menacing to themselves than foreign peoples.

Keywords: Epic Poetry; Lucan; Civil War.

---

<sup>1</sup> Este texto deriva da apresentação "O não romano na Farsália de Lucano: entre a ameaça e o exemplo", realizada na Semana de Letras UFPR de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Letras/Latim na Universidade Federal do Paraná.

## 1. INTRODUÇÃO

A *Farsália* ou *Guerra Civil* é um poema épico composto ao tempo de Nero, século I d.C., que quebra com a tradição épica de Virgílio. Além de a obra não ser de temática mítica, como a *Eneida*, o tom geral do poema não nos remete às tradicionais epopeias homéricas. Ao contrário da epopeia virgiliana, a *Farsália* não constrói a imagem da glória de Roma, mas a da sua decadência: “*Populumque potentem / in sua uictrici conuersum uiscera dextra*” (LUCANO, 1926, I, v. 2). Este trecho do proêmio apresenta justamente a ideia da “desconstrução” de Roma, pois o que será cantado é o povo potente que verteu a destra vencedora contra as suas próprias vísceras.<sup>3</sup>

A temática da obra é a guerra civil que aconteceu entre Júlio César e Pompeu no século I a.C., entre 49 e 48 a.C., após a morte de Crasso. A narrativa começa *in medias res*, no momento em que César está prestes a ultrapassar o Rubicão, rio que separa a província da Itália da província da Gália Cisalpina. O fato de ele cruzar o rio é o estopim para a guerra acontecer, pois, uma vez que era candidato ao cargo de cônsul, não poderia estar com as suas tropas em Roma na época das eleições, o que seria no mínimo ameaçador. No entanto, ele atravessa os Alpes com suas tropas e cruza o Rubicão em direção a Roma.

Os dez cantos apresentam inúmeros acontecimentos e batalhas em diversos locais do mundo romano: em Massília, Hispânia, Epiro, Tessália, Líbia, Egito, etc. O canto central é o VII, em que se narra a batalha de Farsalos, cidade téssala que dá nome ao poema. Nessa batalha, o futuro da guerra é decidido, com a vitória de Júlio César. Os cantos finais focam sua atenção na África e o poema termina no Egito, após a morte de Pompeu e diante da guerra civil egípcia. Inclusive, podemos relacionar a

---

<sup>3</sup> No original: “La *Pharsalia* non canta gli incunaboli delle glorie di Roma, ma il suo più recente annientamento; argomento del poema sarà la maniera in cui l’Urbe si è autodistrutta puntando verso le proprie stesse viscere armi che non conoscono sconfitta.” (NARDUCCI, 2002, p. 21).

estrutura da *Farsália* com a estrutura da *Guerra Civil* escrita pelo próprio Júlio César. Os autores começam mais ou menos no mesmo ponto e terminam exatamente enquanto relatam a situação política do Egito.<sup>4</sup>

É interessante notar, porém, que só nos cantos iniciais algumas cenas se passam em Roma. Na sua totalidade, o poema não se centra espacialmente na *urbs* romana, mas sim nas margens do *orbis Romanorum*. Sabemos que se trata de uma guerra civil e, portanto, é estranho o fato de que em todos os cantos há menção a outros povos, que inclusive lutam nas batalhas. Portanto, o primeiro verso da obra não faz referência somente à luta fratricida: as guerras “mais que civis” ali citadas envolvem todos os povos com quem os romanos têm contato.

Tendo isso em vista, é importante delimitar quem é o não romano. Neste trabalho, vou analisar as caracterizações feitas de povos que não possuem a cidadania romana, deixando de lado aqueles que foram assimilados por essa cultura, como é o caso dos etruscos e de basicamente todo o habitante livre da província da Itália.<sup>5</sup> Busco aqui entender as principais representações de não romanos, como as dos gauleses, povos orientais, nórdicos e gregos.

## 2. GAULESES

Este povo céltico aparece já no primeiro canto do poema, após a travessia do Rubicão por César. Desde o início, o narrador, em suas apóstrofes, exhibe quão desnecessárias são as guerras civis e quantos povos e terras poderiam já ter sido conquistados. No momento em que Júlio César se dirige a Roma com as suas tropas, o narrador nos direciona, não a Roma, mas à Gália, pois o general romano, ao convocar suas tropas, deixa os territórios gauleses livres da opressão. Isso nos leva a concluir

---

<sup>4</sup> Isto pode ser evidenciado em: “Furthermore, and crucially, Lucan’s poem deals with the very same period as Caesar’s commentary, a period stretching from the crossing of the Rubicon (or, in Caesar’s case, a few days earlier) to the beginning of the Alexandrian war.” (MASTERS, 1992, p. 19).

<sup>5</sup> A *lex Iulia*, de 90 a.C., acabou por unificar, em teoria, a população da província da Itália.

que César, em vez de se preocupar em alargar os territórios romanos, volta-se contra Roma, restituindo a liberdade aos gauleses. De certa forma, isso faz com que o vejamos como uma ameaça à estabilidade romana, ou seja, como um inimigo bárbaro. Ele atravessa os Alpes como o fizera Aníbal na Segunda Guerra Púnica e como fizeram os próprios gauleses por volta de 390 a.C.<sup>6</sup>

Assim que o narrador nos leva à Gália, descreve-nos um pouco da sua geografia e cita o nome de diversas etnias célticas que ficaram livres com a partida das coortes. Porém, há dois trechos bem específicos que causam particular estranhamento:

tu quoque laetatus conuerti proelia, Treuir,  
et nunc tonse Ligur, quondam per colla decore  
crinibus effusis toti praelate Comatae,  
et quibus inmitis placatur sanguine diro  
Teutates horrensque feris altaribus Esus  
et Taranis Scythicae non mitior ara Dianae.  
uos quoque, qui fortes animas belloque peremptas  
laudibus in longum uates dimittitis aeuum,  
plurima securi fudistis carmina, Bardi<sup>7</sup>  
(LUCANO, 1926, I, v. 441 — 449).<sup>8</sup>

O trecho começa com referência a dois povos, os tréviros e os lígures. A menção aos tréviros remete ao que se estava dizendo antes: eles ficam felizes com a guerra civil, pois se tornam livres do jugo romano. Já a referência aos lígures aponta para uma mudança de costumes, como explica R. J. Getty em seus comentários ao canto I.<sup>9</sup> Os

<sup>6</sup> Isto pode ser evidenciado em: “In about 387 — 386 B.C., under their king Brennus, thirty thousand of these immigrants (Celtic people) drove southwards from the Po valley into the Italian peninsula itself, in the hope of acquiring additional land and plunder.” (GRANT, 1997, p. 52).

<sup>7</sup> “Tu, Tréviro, também feliz da nova guerra / e, Ligúrio, que agora tens curto cabelo / e que outrora o trazia com grande volume / como nenhuma tribo da Gália Comada, / e os que aplacam com torpe sangue o truculento / Teutate e o todo-horrível Eso, de ara atroz, / e a Tárano tão dócil quanto a Diana Cítia. / E também vós que há muito declamais, ó vates, / varões assinalados mortos em combate, / firmes Bardos, que muitos cantos já forjastes.” (LUCANO, 2011, I, v. 441—449, tradução de Brunno Vieira, p. 117 — 119).

<sup>8</sup> A edição latina utilizada é a de Housman (1926).

<sup>9</sup> Isto pode ser evidenciado em: “Being contained in the *província* (the Ligures) they had of course given up the barbarous practice of letting their hair grow long. This practice caused Transalpine Gaul

lígures ocupavam tanto a Gália Cisalpina quanto a Gália Transalpina. Eles teriam desistido de práticas bárbaras, como a de ter cabelos longos, motivo pelo qual se designa a Gália Transalpina de *Gallia Comata* (cabeluda) e a Gália Cisalpina de *Gallia Togata*, por estar mais próxima dos costumes romanos, “civilizados”. Na sequência, há uma interessante digressão sobre sacrifícios humanos, com certeza mal vistos pelos romanos, como o próprio poema sugere: “sinistro sangue”. A questão aqui, porém, não é a menção ou o julgamento negativo à prática sacrificial, mas a associação dessa tradição ao culto de Ártemis entre os tauros, como na tragédia *Ifigênia entre os Tauros*, de Eurípides.<sup>10</sup> Ainda que os sacrifícios humanos ocorressem em tempos arcaicos entre os gregos, a associação da cultura céltica à cultura helênica é curiosa, principalmente quando consideramos os versos seguintes, que tratam da tradição poética dos bardos. Podemos inclusive fazer um paralelo com os aedos gregos, que, na *Ilíada*, também cantam as mortes em combate. Para mim, existe aqui uma quebra na narrativa para a realização de um elogio aos gauleses. Além disso, podemos ainda comparar a própria *Farsália* com a tradição dos bardos. Enquanto estes cantam “varões assinalados mortos em combate”,<sup>11</sup> aquela canta a guerra fratricida.

Em seguida, o narrador faz uma digressão a respeito do druidismo:

Certe Populi quos despicit Arctos  
felices errore suo, quos ille timorum  
maximus haut urguet leti metus. Inde ruendi  
in ferrum mens prona uiris animaeque capaces  
mortis, et ignauum rediturae parcere uitae.

---

to be called *Gallia Comata* in distinction from Cisalpine Gaul or *Gallia Togata*.” (GETTY, 1992, p. 89 — 90).

<sup>10</sup> No canto II da “*Eneida*” também encontramos referência a sacrifícios humanos entre as populações helênicas arcaicas: *Sanguine placastis uentos et uirgine caesa, / cum primum Iliacas, Danai, uenistis ad oras: / sanguine quaerendi redivus animaque litandum / Argolica*. (VIRGÍLIO, 2008, II, v. 116 — 119).

<sup>11</sup> Interessante notar que há, neste trecho, um intertexto com a *Ilíada* latina: *Atque animas fortes heroum tradidit Orco* (HOMERO, 2015, I, p. 3).

(LUCANO, 1926, I, v. 458 — 462).<sup>12</sup>

Este é outro trecho interessante, porque é a coragem dos gauleses diante da guerra que é elogiada, a sua “mente audaz”, e as crenças dos druidas são o motivo de tal força. Como o próprio narrador nos diz, as nações voltadas para o norte são felizes, pois não possuem o medo da morte, uma vez que no druidismo havia a crença no pós-morte, na continuidade da vida.

Portanto, em relação aos gauleses, por mais que eles sejam vistos como bárbaros, povos não civilizados que habitavam além-Alpes, as características consideradas positivas, associadas a valores positivos da própria tradição greco-romana, não escapam à visão de alteridade do narrador, como já demonstrado acima. E, novamente, isso reforça a perspectiva negativa da guerra civil. Podemos até nos perguntar: onde encontramos a *ciuilitas* entre os romanos?

### 3. POVOS ORIENTAIS E NÓRDICOS

Em vários momentos do poema, encontramos referências a povos do Oriente, sendo um deles a principal preocupação dos romanos: os partos. No canto I, o narrador faz referência a eles logo após o exórdio, pois vingar Crasso poderia ser um objetivo das forças romanas, não a guerra civil. Crasso fora morto pelos partos na batalha de Carras, na Assíria, como informa o próprio narrador (canto I, v. 105), e a sua morte deu fim ao primeiro triunvirato, desestabilizando a política de Roma. Os não romanos, portanto, também são vistos como uma ameaça na obra e as principais representações com essa característica são a dos partos e a dos egípcios.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> “Certamente as nações voltadas para o Arcturo, / felizes são em seu percurso, pois aquele / medo maior, o de morrer, não lhes consome. / Daí a mente audaz dos varões que se atiram / contra o ferro e a constância diante da morte: / é covarde quem poupa uma vida que volta.” (LUCANO, 2011, I, v. 458—463, tradução de Brunno Vieira, p. 119 — 121).

<sup>13</sup> Por mais que a dinastia ptolomaica seja greco-macedônica, os egípcios serão tratados à parte.

É interessante notar, antes de tudo, que, por mais que Júlio César seja ele próprio uma ameaça que desestabiliza a ordem interna do Império, em nenhum momento o narrador nos apresenta outros povos que seriam aliados de César, enquanto que Pompeu, por sua vez, pode ser visto como um fraco que foge de Roma e se alia a povos orientais. No canto III, há um grande catálogo de aliados de Pompeu, composto basicamente por povos orientais. É curioso que os pompeianos sejam vistos como “republicanos”, pois Pompeu se associa a povos que, antes do jugo romano, tinham como forma de governo o *regnum*, tipo de governo completamente mal visto pelos romanos.<sup>14</sup> As monarquias helenísticas, comuns no Oriente próximo, centralizavam em uma só pessoa, o rei, o poder sobre o povo. Portanto, é no mínimo estranho que Pompeu se alie a eles.

Ainda mais curioso é o diálogo que travam Lântulo e Pompeu no canto VIII. Este último, a partir do verso 295, diz ao primeiro o seguinte: “celsior in campo sonipes et fortior arcus, / nec puer aut senior letalis tendere neruos / segnis, et a nulla mors est incerta sagitta” (LUCANO, 1926, VIII, v. 295 — 297).<sup>15</sup> No fim dessa fala, Pompeu afirma: “cum Caesaris arma / concurrent Medis, aut me fortuna necesse est / uindicet aut Crassos” (LUCANO, 1926, VIII, v. 325 — 327).<sup>16</sup> Ele, no fim das contas, não é diferente de Júlio César, pois os dois não estão preocupados com o bem da República, mas sim com os seus interesses pessoais: César passa dos limites para alcançar os seus objetivos e Pompeu alia-se a povos orientais para poder defender os seus interesses. Estando César em vantagem e, neste caso, já tendo ganho a principal batalha, a de

---

<sup>14</sup> Isto pode ser verificado em: “During the republic the Romans are supposed to have been profoundly hostile to the very idea of kingship. It is doubtful, however, if this was ever a deeply held popular view”. (THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY, 2012, p. 1272 — 1273).

<sup>15</sup> “No campo, é seu o corcel / mais alto e mais forte o seu arco. Nem o moço / ou o velho os nervos mortais tardam a entesar / e a flecha alguma é incerta a morte.” (tradução de Márcio Gouvêa Jr., doutor em Estudos Literários e professor de Língua Latina da UFMG).

<sup>16</sup> “Quando as tropas de César lutarem co’ os medas, / é necessário ou que a Fortuna os Crassos vingue / ou a mim.” (tradução de Márcio Gouvêa Jr.).

Fársalos, Pompeu não se importaria em se aliar aos partos: “é necessário que a Fortuna vingue ou a mim ou aos Crassos”. Essa fala sugere pôr o romano à margem e trazer o não romano ao centro.

Lêntulo, ao responder a Pompeu, menciona os povos do norte europeu: “omnis, in Arctois populus quicumque pruinis / nascitur, indomitus bellis et mortis amator: / quidquid ad Eoos tractus mundique teporem / ibitur, emollit gentes clementia caeli”.<sup>17</sup> (LUCANO, 1926, VIII, v. 363 — 366). Uma vez que Lêntulo discorda da vontade de Pompeu de se aliar aos partos, ele traça uma comparação entre esses e os nórdicos. Estes últimos, nascidos no inverno do norte, amam a morte e não temem a guerra, ideia essa que retoma o elogio feito aos gauleses no canto I, mas os povos do Oriente seriam amolecidos pela clemência do céu, pelo sol.

Com a exceção da fala de Pompeu, pode-se dizer que, de forma geral, os povos orientais não são bem vistos pelos romanos. O Egito pode ser visto como outra ameaça à estabilidade romana, mas, desta vez, uma ameaça cultural. O luxo da corte de Ptolomeu XIII e Cleópatra é um elemento cultural visto com maus olhos:

discubuere illic reges maiorque potestas  
Caesar; et inmodice formam fucata nocentem,  
nec sceptris contenta suis nec fratre marito,  
plena maris rubri spoliis, coloque comisque  
diuitias Cleopatra gerit cultuque laborat.  
candida Sidonio perlucent pectora filo,  
quod Nilotis acus compressum pectine Serum  
soluit et extenso laxauit stamina uelo.  
dentibus hic niueis sectos Atlantide silua  
inposuere orbis, quales ad Caesaris ora  
nec capto uenere Iuba. pro caecus et amens

---

<sup>17</sup> “Todo povo que nasce no inverno do norte / ama a morte e não teme a guerra. Mas, se andando / p’ra região temperada e p’ra o leste do mundo, / a clemência do céu amolece as pessoas.” (tradução de Márcio Gouvêa Jr.).



ambitione furor, ciuilia bella gerente  
diuitias aperire suas, incendere mentem  
hospitis armati.<sup>18</sup>  
(LUCANO, 1926, X, v. 136 — 149).

Sabemos que a dinastia ptolomaica é de origem greco-macedônica, mas não estamos diante de verdadeiros gregos, pois adotaram a cultura egípcia.<sup>19</sup> A “ptolomaica incestuosa”, como a chama o próprio narrador no canto X, verso 69, é a única personagem de todo o poema capaz de perturbar Júlio César. Parecemos nos deparar, inclusive, com um outro César. Ele não se apresenta aqui da mesma forma que se apresenta no resto do poema, pois a egípcia o seduz: “an mundum ne nostra quidem matrona teneret”.<sup>20</sup> (LUCANO, 1926, X, v. 67). Nesse verso podemos perceber a indignação do narrador em relação às atitudes de César, pois esse foi capaz dos atos mais nefastos, desde a travessia do Rubicão até a guerra em si mesma, para, no fim, ser “dominado” por uma estrangeira. Nos versos 70 a 72, o narrador se dirige a Marco Antônio, perguntando quem não lhe perdoaria o louco amor quando o fogo teria tomado até mesmo o duro peito de César.

O Oriente, de fato, é a maior ameaça ao mundo romano e Cleópatra é o maior elemento destabilizador, uma vez que César se modifica na corte egípcia devido à sua influência. No próximo capítulo, ao tratar dos gregos, a “incestuosa” será novamente citada para uma comparação.

---

<sup>18</sup> “Recostaram-se os reis e o poderoso César. / Cleópatra, que havia assaz pintado a face, / não contente co’ o cetro e co’ o mando do irmão, / de pérolas coberta, em seu colo e na coma / porta as riquezas, e se esfalfa co’ os adornos. / O alvo peito reluz sob o fio sidônio, / que, urdido pelo tear chinês, a agulha egípcia / soltou e relaxou a trama em tênue véu. / Sobre marfins, cortadas nas florestas de Atlas, / puseram mesas que nem César viu surgirem / quando Juba foi preso. Ó furor da ambição, / suas riquezas mostrar a quem guerras civis / conduz e incendiar do hóspede armado a mente.” (tradução de Márcio Gouvêa Jr.).

<sup>19</sup> Na *Eneida*, tanto Eneias quanto Marco Antônio podem ser confundidos com bárbaros por adotarem práticas culturais não romanas, ainda que seja no vestuário. No caso de Eneias, com um cartaginês (VIRGÍLIO, 2008, IV, p. 261) e no de Antônio, com um egípcio. Marco Antônio aparece na descrição do escudo de Eneias (VIRGÍLIO, 2008, VIII, v. 685 — 688).

<sup>20</sup> “se uma mulher, que nem é nossa, o orbe teria.” (tradução de Márcio Gouvêa Jr.).

#### 4. GREGOS

Os gregos estão fortemente representados em pelo menos três momentos do poema, se excluirmos o Egito ptolomaico dessa análise. O primeiro deles é o da batalha de Massília (Marselha); o segundo é a consulta ao oráculo, no canto V, e a caracterização de Femónoe; o terceiro está no canto VI, representado pela figura perturbadora da feiticeira téssala, Ericto.

No episódio do cerco de Marselha, encontramos a população, de origem grega, tentando convencer César a não atacar a cidade. Se pensarmos em uma personagem homérica como Odisseu, ou na própria característica feminina presente na *Teogonia* de Hesíodo, em deusas como Gaia e Métis, deusa associada à astúcia, mãe de Atena, ou ainda numa personagem virgiliana como Sinão,<sup>21</sup> que, no canto II da *Eneida*, se utiliza de tramoias para persuadir os troianos, percebemos que a representação do grego como alguém astuto está presente na literatura latina e tem como fundo o olhar que o próprio grego tem de alguns aspectos da sua cultura. Assim, encontramos Odisseu, protegido por Atena, filha de Métis, tentando convencer, enganar, e manipular as situações nas quais se envolve. Tendo isso como base e voltando aos focenses, habitantes de Marselha, podemos perceber essa mesma capacidade persuasiva, embora sem efeitos positivos neste caso, na fala dirigida a César. Como possível exemplo para essa tentativa, encontramos, nos três primeiros versos da fala, de 307 a 309, no canto III, o seguinte: “semper in externis populo communia uestro / Massiliam bellis testatur fata tulisse/ comprensa est Latiis quaecumque annalibus aetas.”(LUCANO, 1926, III, v. 307 — 309)<sup>22</sup> Os Anais Latinos<sup>23</sup> são utilizados de forma

---

<sup>21</sup> *Ille dolis instructus et arte Pelasga* (VIRGÍLIO, 2008, II, v. 152).

<sup>22</sup> “Sempre Marselha em guerra externa e o vosso povo / um destino comum tiveram, como atestam / as eras registradas nos Anais Latinos.” (LUCANO, 2011, III, v. 307 – 309, tradução de Bruno Vieira, p. 247).

a persuadir César de que Marselha e Roma sempre tiveram um destino comum quanto às guerras externas. Podemos nos perguntar, inclusive, se essa voz plural, dos focenses, teria tido acesso aos anais latinos, ou se isso é usado realmente de forma astuta.

Ainda na mesma fala, do verso 337 ao 342, os focenses usam outros argumentos para convencer César a manter a paz com Marselha: o de que eles não são importantes, de que não têm sorte na guerra e até de que foram expulsos de Fócide, sua terra de origem, na Ásia Menor. Todo esse discurso apresenta os gregos como detentores dessa capacidade de usar ardis em situações de tensão.<sup>24</sup>

Além disso, no canto III descreve-se também a própria batalha de Marselha, com inúmeros detalhes. Uma reflexão, porém, nos interessa aqui: diversas personagens gregas são nomeadas; uma cruenta cena de guerra acaba sendo humanizada e, especialmente no fim, há a cena muito particular, que é a do suicídio de um pai grego ao ver a morte de seu filho. O episódio todo está longe de descrever uma corriqueira cena de guerra, principalmente se o compararmos com a descrição das tropas romanas sedentas de sangue do canto IV, que são comparadas a animais: “rituque ferarum / distentas siccant pecudes, et lacte negato / sordidus exhausto sorbetur ab ubere sanguis.”<sup>25</sup> (LUCANO, 1926, IV, v. 313 — 315). O poema romano humaniza uma cruel matança de gregos e animaliza tropas romanas localizadas na Hispânia, caracterizando essa inversão de valores em um contexto turbulento como o de uma guerra civil.

No canto V, temos outro panorama. O senado, deslocado de Roma, realiza uma reunião no Epiro. Ápio, uma autoridade sacerdotal romana, sente a necessidade de

---

<sup>23</sup> “The Latin word *annales* (‘yearbooks’, ‘annals’) became the standard term for historical records in a general sense, and was frequently used by historians as a title for their works...” (THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY, 2012, p. 95)

<sup>24</sup> Essa representação do grego como “ardiloso” está contida no mesmo episódio narrado por Júlio César nos seus comentários à Guerra Civil.

<sup>25</sup> “Como animais, nas reses prenhes se amamentam / e, findo o leite, sugam até mesmo o sangue.” (LUCANO, 2011, IV, v. 312 — 313, tradução de Brunno Vieira, p. 311).

consultar o oráculo de Delfos, e é Femónoe, a pitonisa, quem recebe Apolo. Mais uma vez, o que temos é a representação de uma personagem grega que tenta enganar. Digo isso porque Femónoe é forçada a receber a profecia, já que na primeira vez simula a possessão, sem a característica voz que uma pitonisa assumiria ao receber Apolo. Neste ponto, podemos retomar Cleópatra. O narrador, no verso 83 do canto X, apresenta a egípcia (grega), no momento em que se dirige a César, com uma falsa dor, “*simulatum dolorem*”; Femónoe também simula, “*simulans deum*”. Os contextos são completamente diferentes, mas a imagem que se constrói é exatamente a mesma, a do grego como um enganador.

No canto VI, porém, encontramos uma caracterização completamente diferente. Sexto Pompeu, filho do general, decide ele próprio consultar uma feiticeira. É importante fazer uma digressão neste ponto: nota-se que somente os pompeianos recorreram às consultas a oráculos e similares, como já o vimos no canto V. Isso parece reforçar ainda mais a fraqueza dessa facção política, porque César não o faz em nenhum momento. Sexto Pompeu procura a feiticeira Ericto na Tessália, local em que acontece a principal batalha, no canto VII. Essa personagem instigante, Ericto, parece estar acima até dos próprios deuses, haja vista o seu poder diante das forças da natureza. O episódio é hiperbólico e é difícil tirar dele conclusões muito profundas a respeito da caracterização da religiosidade téssala, porque a cena toda pode ser derrisória. Porém, é interessante notar que tanto Ericto quanto César podem ser vistos como personagens que extrapolam os seus limites sem que recebam uma punição — eles cometem *hybris*, por exemplo: César quando atravessa o Rubicão, ignorando a aparição da deusa Roma, e Ericto quando desafia os deuses infernais. Isso pode, de certa maneira, reforçar a associação de César à imagem da ameaça, do bárbaro e nefasto.

## 5. CONCLUSÃO

Em suma, podemos dizer que a fragilização da identidade romana que a guerra civil proporciona faz o narrador (e o próprio leitor) se voltar para a “diferença”. Já não existe uma identidade romana clara: César invade a Itália vindo da Gália e, após tantos objetivos pessoais alcançados, prende-se a Cleópatra, justamente uma mulher não romana e ardilosa; Pompeu foge da Itália, alia-se aos povos orientais, familiariza-se com o mundo helênico e chega até mesmo a pensar numa aliança com os partos para vingar a si próprio. Assim, a descentralização política e até mesmo geográfica que o poema expõe nos faz refletir a respeito do que representa o não romano para o romano.

O que se conclui é que os não romanos não possuem, na *Farsália*, uma caracterização superficial. Em muitos momentos o estereótipo de um povo nos é apresentado, mas em certos momentos há uma quebra das nossas expectativas ao nos depararmos com elogios a esses mesmos povos, o que nos faz perguntar o motivo de tais digressões. Para mim, os romanos, ao perderem os seus valores numa guerra fratricida, imaginam que são superados por qualidades de povos que são considerados bárbaros, mas que se mantêm firmes nos seus propósitos, como é o caso dos gauleses, númidas e brâmanes.<sup>26</sup> Outras conclusões que podemos tirar dessas representações: o quão forte pode ser o impacto de personagens e povos não romanos que desestabilizam o mundo romano, como Cleópatra, os partos ou a própria figura de César, se o considerarmos como um bárbaro; e a humanização de não romanos e a animalização dos romanos em um contexto como o da guerra civil devido à inversão de valores já mencionada anteriormente.

---

<sup>26</sup> Os brâmanes e os númidas não foram analisados neste trabalho por limitação de espaço, mas são apresentados no poema, por exemplo, no canto III, em que há um catálogo dos aliados de Pompeu. Nesse catálogo os hindus estão inclusos; no canto IV há a descrição de Juba, rei dos númidas.

Para terminar, escolhi um trecho da peça *Otávia*, atribuída a Sêneca, que nos permite uma grande reflexão acerca do que representa a guerra fratricida e como de fato isso pode fazer com que vejamos no 'outro' as qualidades que nos faltam. O trecho é a última fala do coro:

Lenes aurae zephyrique leves,  
tectam quondam nube aetheria  
qui uexistis raptam saeuae  
uirginis aris Iphigeniam,  
hanc quoque triste procul a poena  
portate, precor, templa ad Triuiaie.  
urbe est nostra mitior Aulis  
et Taurorum barbara tellus:  
hospitis illic caede litatur  
numen superum;  
cuius gaudet Roma cruore. (SÊNECA, 2004, v. 972 — 982, p. 604 — 606).

## REFERÊNCIAS

- GETTY, Robert J. *Lucan De Bello Civili I*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- GRANT, Michael. *History of Rome*. New York: History Club, 1997.
- HOMERO. *Ilias Latina*. Disponível em <<http://www.thelatinlibrary.com/ilias.html>>. Acesso em 03 jun. 2015.
- HOUSMAN, Alfred E. *Lucani bellum civile*. Oxford: Basil Blackwell, 1926.
- LUCANO. *Farsália*. Trad. Brunno Vieira. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.
- MASTERS, Jamie. *Poetry and Civil War in Lucan's Bellum Civile*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- NARDUCCI, Emanuele. *Lucano: un'epica contro l'impero*. Roma-Bri: Laterza, 2002.
- SÊNECA. *Octavia*. Trad. John G. Fitch. Cambridge, Harvard University Press, 2004.

THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY. Oxford: Oxford University Press, 2012.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Odorico Mendes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

Submetido em: 14/09/2015

Aceito em: 03/03/2016